

1º capítulo

Você nunca vai morrer!

Essa é uma boa notícia: nós nunca morremos! Apenas, de vez em quando, trocamos de “casca”, substituímos uma que nos serviu em uma vida por uma outra, na próxima. Quem reencarnou há uns 60, 70 anos, é chamado de “velho”, de “idoso”, e recentemente surgiu uma coisa muito legal que é chamar esse grupo etário de “pessoas da melhor idade”. Mas, vamos ser francos, pode ser mesmo a “melhor idade” ou não, depende de quem? Os médicos estão se esforçando para que seja assim, os psicólogos, os terapeutas, os nutricionistas, os cuidadores, a mídia, todo mundo agora está interessado que “a melhor idade” seja realmente “a melhor idade”, e esse livro (e tantos outros de outros autores) deseja ser um bom auxílio para que isso seja realidade para muitos irmãos e irmãs reencarnados há mais tempo. Mas você concorda que esses milhares de dias, o final da encarnação (não da vida), ser mesmo a melhor fase depende de nós? Está bem, que bom que concordamos, começamos bem, então vamos em frente.

Falaremos coisas nesse livro para quem sabe que não vai morrer, sabe que não está no final da vida, apenas no final da atual encarnação, mas também falaremos para quem acha que vai morrer, que está no final da vida, pois tenho esperança que esse livro sirva também para quem não acredita na Reencarnação ou para quem, simplesmente, isso não importa. Na verdade, nunca achei que apenas quem acredita na Reencarnação tem mais chances de aproveitá-la, no sentido espiritual, pois todos conhecemos pessoas que acreditam na Reencarnação e, pelo menos aparentemente, não a estão aproveitando verdadeiramente, e pessoas que não acreditam ou não ligam para isso e que a estão realmente aproveitando. É uma questão relativa à maneira de cada um enxergar as coisas da vida, como lida com as questões de sua infância, ao que foi acontecendo durante a vida e ao seu momento atual, é ser uma pessoa mais positiva ou negativa, mais otimista ou pessimista, mais forte ou mais fraca internamente.

Mas a concepção de “o fim da vida” é uma faca de dois gumes, pode trazer consigo muita coisa ruim mas também pode trazer muita coisa boa. O “Quero aproveitar o tempo que me resta” pode ser uma alavanca para realmente aproveitar-se esse tempo restante no sentido pessoal, afetivo, familiar, social, espiritual ou pode ser um exercício apenas autocentrado do tipo “Agora eu vou fazer o que quiser, nada e ninguém vai mais me prender!” vou sair por aí “aproveitando a vida”, o que pode incluir “chutar o balde”, sem se importar com o balde ou nem perceber que o chute doeu, enfeitiçado pelo desejo de liberdade, de fazer o que sempre quis fazer e nunca fez, por isso ou por aquilo. Só que muitas vezes o balde e o “isso” ou “aquilo” são pessoas próximas e, muitas vezes, a dor que seu pé não sentiu na hora do chute pode começar a sentir mais adiante, dali um tempo ou após desencarnar, quando defrontar-se com sua consciência e perceber, tardiamente, que o chute foi bem dado mas no alvo errado, pois o balde não tinha nada a ver com isso. E aí pode querer encontrar o balde e não o achar mais ou encontrá-lo, mas quebrado, sem serventia, ou íntegro, tocando a sua vida e não querer mais papo consigo.

Então, essa boa notícia “Você nunca vai morrer!”, o que pretende fazer com ela? O Mauro, que é há uns 70 anos o meu atual representante, sabe que vai morrer mas sabe que Eu não, que vou embora e, um dia, vou voltar, sabe-se lá em que tipo de

“casca”, que gênero sexual, cor de pele, nacionalidade, e outros rótulos. A questão é: O que o Mauro faz com isso? Alguns de meus representantes já chutaram muitos baldes em outras vidas e o Mauro alguns nessa, então isso ele não vai fazer mais porque aprendeu que o problema não é o balde, é o que ele contém. Tenho aconselhado o Mauro a examinar direitinho o que tem dentro do balde, o que serve para sua evolução, o que não, o que pode ser descartado, o que não pode ser descartado e, sim, transmutado, o que vai colocar lá dentro de hoje em diante, e também cuidar com as ideias que vêm na sua cabeça a respeito dos “isso” ou “aquilo”, se têm sua origem em seu Eu Superior ou em seu ego.

Então, meu irmão e minha irmã reencarnados há mais tempo, após a boa notícia de que nunca vamos morrer, venho trazer a realidade que é “O que fazer com isso?”. Esse trabalho é interno, pode ser uma psicoterapia consigo mesmo ou com a ajuda de alguém confiável, bem-intencionado, não alguém especializado em “Chutes ao balde” mas em “O que tem dentro dele e pode ser realinhado ao nosso Eu Divino?”. Nós, “cascas”, sendo apenas mais um representante do nosso Espírito, nessas centenárias ou milenares passagens pela Terra, temos de acessar o que Ele deseja de nós, o que programou para essa encarnação, o que espera que façamos mas, mais do que isso, aprender a obedecê-Lo, em nosso próprio benefício.

E nesses 8, 10, 12.000 dias que nos restam, promovermos mudanças, retificações de caminho, tomar decisões em relação a conflitos afetivos e familiares, nos propormos a sair daqui de bem com todos, principalmente com quem tivemos ou temos dificuldades, nos libertar de nossas mágoas, nossas dores, nossas críticas e julgamentos, nos conformarmos com algumas frustrações que muitas vezes nem eram coisas tão importantes assim, apenas parecia que eram naquela época, enfim, meditarmos, refletirmos e decidirmos, com amor, com humildade, com firmeza, com fé em nosso Pai e em nossa Mãe celestiais, em nossos Mestres Espirituais, em nossos Guias, como iremos realmente aproveitar esse tempo que nos separa da Linha do Horizonte.

Dependendo de como fomos, como vivemos, o que fizemos, até hoje e como queremos ser, como será a nossa vida de hoje em diante, o aporte a essa linha de chegada será de paz e felicidade ou de dor e amargura, com saúde ou sem ela, e também como será o nosso destino após cruzarmos a linha, se ficaremos, em Espírito, aqui na Terra acreditando que aqui é “a vida”, pelos apegos, por culpas, desejos de redenção, desejos de vingança, ou vagando perdidos por aí, ou estacionando em lugares escuros e sombrios, ou afundando em abismos e umbrais, ou subindo, leves, serenos, voltando para uma daquelas cidades iluminadas do Astral, para sermos recebidos por tantos amigos e amigas que não víamos há tanto tempo, e suspirarmos aliviados com a agradabilíssima sensação de “Valeu a pena!”

Quem passa 24 horas/dia conosco, dentro da nossa cabeça, somos nós, então, como diz a galera que reencarnou há menos tempo, “É nós”.